



«JUNTOS PELA NOSSA CASA COMUM»

**Discurso de Sua Santidade o Patriarca Ecumênico
Bartolomeu na conferência organizada pela Universidade
Católica Pázmány Péter e pela Universidade Húngara do
Serviço Público (25 de setembro de 2023)**

Veneráveis Hierarcas e demais clérigos,
Distintos administradores e professores,
Amados alunos e convidados,

É um privilégio especial ser convidado a discursar nesta auspiciosa assembleia sobre um tema tão importante para o nosso mundo e para o nosso tempo. É também um prazer especial sermos convidados a regressar à Universidade Católica, onde já fomos reconhecidos como Doutor Honorário e, conseqüentemente, nos sentimos muito em casa como membros da sua eminente comunidade acadêmica.

Introdução: Uma Missão Conjunta

Devemos enfatizar desde o início a adequação e tom do tema. Esta é uma conferência ecumênica e inter-religiosa intitulada «Juntos pela nossa Casa Comum». E não é por acaso que esta conferência compreende um esforço conjunto de duas prestigiadas instituições de ensino superior, que decidiram em conjunto explorar aquele que é sem dúvida o desafio mais vital que a humanidade enfrenta – nomeadamente, a proteção e preservação do dom sagrado da criação de Deus. — e fazê-lo a partir de uma perspectiva interconfessional e inter-religiosa. Claro que não poderia ser de outra forma, porque este tema diz respeito precisamente à «nossa casa», uma «casa comum», que deve ser considerada e confrontada «juntos». Afinal, as palavras

e atitudes que usamos em qualquer momento nunca são incidentais ou acidentais, mas devem ser sempre intencionais e precisas.

A este respeito, durante mais de três décadas durante o nosso ministério patriarcal, assim como durante mais de três anos da mais recente pandemia, aprendemos que os problemas mais elementares e essenciais que enfrentamos como planeta e como povo têm um efeito inevitável e impacto inegável sobre tudo e sobre todos. Nada existe isoladamente! e ninguém existe de forma independente. Da mesma forma, a nossa vasta experiência na vanguarda do ministério do ambiente, tal como os efeitos devastadores do novo coronavírus, demonstraram que apenas uma resposta consciente, concertada e colaborativa pode revelar-se eficaz para a nossa comunidade e para a criação como um todo. Tudo o que fazemos individual e institucionalmente deve ter como objetivo deixar um mundo mais pacífico, mais equitativo e mais sustentável para as gerações seguintes.

Esta foi sempre a razão básica e a justificação por detrás do nosso esforço deliberado para convocar simpósios, cimeiras e seminários que reúnam representantes da comunidade internacional, adeptos das religiões do mundo, bem como líderes dos domínios científico, político, jornalístico e de defesa de direitos. Estamos convencidos de que, tal como não provocamos ou agravamos unilateralmente o desequilíbrio do nosso planeta, não podemos restaurar ou reconciliar o equilíbrio do ambiente natural sem apoiarmos uns aos outros e partilharmos o fardo de sustentar os recursos do planeta.

Um Mandato Ecumênico

Essa resposta comunitária e até global às alterações climáticas é o que descreveríamos como o mandato ecumênico do cuidado da criação. Implica ouvir outras confissões cristãs e aprender com outras comunidades de fé. Envolve prestar atenção e beneficiar-se de outras disciplinas, como ciência e medicina. Afinal, quer falemos de alterações climáticas ou de Covid-19, estamos invariavelmente a lidar com crises sem precedentes. E a forma como respondemos a tais desafios define as nossas prioridades como seres humanos civilizados e cultos nesta encruzilhada da história. Além disso, a forma como respondemos a estes problemas críticos determina o papel da fé e a responsabilidade da religião.

Por exemplo, uma das lições vitais que aprendemos com a pandemia é que não podemos brincar de Deus – tal como não podemos brincar de política – com a ciência, porque esta afeta diretamente a saúde das pessoas. Ao mesmo tempo, no que diz respeito às alterações climáticas, tomamos consciência de que não podemos brincar de Deus – tal como não podemos brincar de política – com o equilíbrio natural do nosso planeta, porque tem um impacto imediato na saúde de toda a criação. Ironicamente e infelizmente, o raciocínio e a estratégia utilizados para descartar a Covid-19 e as alterações climáticas

seguem um padrão semelhante e são utilizados pelas mesmas pessoas. Os líderes religiosos são, portanto, chamados a orientar os crentes e as pessoas de boa vontade a acolherem o papel essencial da ciência e da erudição como dons sagrados e instrumentos indispensáveis para a salvação e a sustentabilidade.

No entanto, é importante lembrarmo-nos que a maior ameaça ao nosso planeta – ou seja, a questão definidora do nosso tempo – não é realmente o novo coronavírus, mas sim as alterações climáticas. Isto acontece porque o custo crescente, mas negligenciado, do aumento das temperaturas globais irá eclipsar totalmente o atual número de mortes causadas por todas as doenças infecciosas combinadas se as alterações climáticas não forem controladas. Não nos surpreendeu que, na sequência da pandemia, até o Fórum Económico Mundial tenha apelado a «uma grande reinicialização» do capitalismo, argumentando que a sustentabilidade só será alcançada através de mudanças drásticas no estilo de vida.

Uma Cosmovisão Espiritual

Isto nos leva ao nosso ponto final sobre a relação entre religião e ciência e, mais especificamente, a associação entre teologia e ecologia. Ao longo das últimas décadas, através do nosso envolvimento e iniciativas de sensibilização para o cuidado da criação, sublinhamos repetida e apaixonadamente a dimensão espiritual da proteção da natureza. Além disso, percebemos que sempre que restringimos a vida – mesmo a vida religiosa – a nós mesmos e aos nossos próprios interesses, estamos, em última análise, negligenciando a nossa vocação de transformar toda a criação de Deus. O poder do diálogo ecumênico reside em aprender a abrir-nos para além de nós mesmos, para além das nossas próprias confissões ou religiões. O compromisso ecumênico envolve aprender a falar a linguagem do cuidado e da compaixão para que possamos – juntos – enfrentar a tarefa comum de preservar a nossa casa comum.

As pessoas, por vezes, presumem que o envolvimento do Patriarcado Ecumênico na crise ecológica é um ato de relações públicas ou de ativismo político. Mas nada pode estar mais longe da verdade. Por que o respeito pela criação é parte integrante da nossa fé? é por isso que o Credo de Nicéia fala do «único Deus, o Pai, que mantém todas as coisas unidas, criador do céu e da terra, e de todas as coisas visíveis e invisíveis». A crise ecológica não é um desafio político? e não é um problema científico ou tecnológico. Só poderá ser totalmente resolvido quando as pessoas perceberem a perspectiva mais ampla do cuidado com a criação. A menos que mudemos a forma como percebemos o mundo, continuaremos a lidar apenas com os sintomas e não com as suas causas.

Assim, o ministério ambiental do Patriarcado Ecumênico é uma extensão natural da sua autoconsciência, em vez de uma reação circunstancial a um novo fenómeno. Como observamos na nossa Encíclica de 1º de setembro

de 2020: «A própria vida da Igreja é uma ecologia aplicada. Os sacramentos da Igreja, toda a sua vida de culto, o seu ascetismo e vida comunitária, a vida quotidiana dos seus fiéis – tudo isto expressa e sublinha o mais profundo respeito pela

Conclusão: Pela Vida Do Mundo

A Igreja, então, é chamada a encarnar a frase «na terra como no céu» que recitamos no Pai Nosso! Mas como se manifestará entre nós a vida sacramental e litúrgica da Igreja? Como a teologia da Igreja se reflete na vida do mundo? Em termos simples, como é o Reino de Deus na sociedade humana e na comunidade global?

A triste realidade é que a Igreja – e a religião em geral – raramente está preparada e muitas vezes relutante em responder aos problemas mais cruciais do mundo. Ou seja, em 2017, nomeamos uma comissão especial de doze teólogos (cleros e leigos, homens e mulheres) para «preparar um texto oficial sobre a doutrina social da Igreja Ortodoxa, tal como expressa tanto na tradição ao longo dos tempos, como na a prática moderna do Patriarcado Ecumênico, e em particular na sequência do Santo e Grande Concílio que se reuniu em Creta em Junho de 2016... a fim de servir como uma base sólida para referência e conversação sobre questões e desafios de vital importância que o mundo de hoje enfrenta».

Este texto, intitulado «*Pela Vida do Mundo: Rumo a um ethos social da Igreja Ortodoxa*», é uma consequência direta e uma continuação, bem como parte do processo de recepção do Santo e Grande Concílio. Embora concluído antes do início da pandemia, *For the Life of the World* fornece parâmetros e orientações gerais para um *ethos* social tão necessário que pode informar e ajudar as pessoas a enfrentar os desafios modernos do racismo e da pobreza, dos direitos humanos e da bioética, bem como da tecnologia e das alterações climáticas. O objetivo do documento não é fornecer respostas prescritivas, mas sim desencadear um debate vital sobre o papel da Igreja no mundo. O objetivo é encorajar e promover o diálogo porque só através do diálogo e da colaboração poderemos enfrentar de forma eficaz e responsável as questões das alterações climáticas e da sustentabilidade ecológica. Em última análise, não é isso que o título da sua conferência implica? «Pela nossa Casa Comum – Juntos!»

Obrigado por este convite e pela atenção.